



ariús

Revista de Ciências Humanas e Artes

ISSN 0103-9253

v. 16, n.1/2, jan./dez. 2010

Foucault nas Grades da Academia Moderna

KEILA QUEIROZ E SILVA

Universidade Federal de Campina Grande

RESUMO

Michel Foucault foi um grande crítico da ciência moderna ocidental, sua atitude de desconfiança com relação aos paradigmas classificatórios da razão instrumental representa um legado do século XXI no mundo acadêmico. Pretendemos neste artigo estranhar algumas apropriações dos discursos foucaultianos que não só não investiram na superação dos paradigmas modernos, como provocaram um processo de engessamento do pensamento plástico e transgressor de Foucault. Movidos pela voracidade de armadura conceitual e de modelos explicativos da complexa e ambivalente sociedade contemporânea, muitos seguidores do pensamento foucaultiano transformaram sua trajetória arquegenealógica em uma metanarrativa universalizante, apresentando conceitos como disciplina e sistema panóptico como clichês aplicáveis a todo e qualquer contexto sócio-cultural. Muitos pesquisadores pós-estruturalistas seduzidos pela onda da desconstrução se distanciaram dos estudos locais, por desprezarem a empiria e construíram seus textos acadêmicos acorrentados pelos dispositivos foucaultianos, reproduzidos em forma de citações extensas das palavras de Foucault. O convite à criação e à desidentificação do pesquisador com os saberes científicos silenciadores dos outros saberes foi negado por alguns adeptos da filosofia pós-estruturalista, transformando Foucault em um paradigma substitutivo do paradigma marxiano. Procuramos apresentar neste trabalho a multifacetada trajetória do referido autor dando passagem à complexidade e à plasticidade de suas ousadas proposituras discursivas.

Palavras-chave: Foucault. Engessamento. Academia moderna.

Foucault in the Grids of Modern Academy

Abstract

Michel Foucault was a critic of the occidental modern science. His distrust posture regarding classificatory paradigms of instrumental reason symbolizes a bequest to the 21st-century academic world. In this article, we aim at observing some appropriations of foucautian discourses which not only managed to surmount modern paradigms, but also caused a crystallization process of Foucault's plastic and transgressive thinking. Stimulated by the voracity of the conceptual armor together with explicable models of the complex and ambivalent modern society, followers of the foucautian thinking turned his arch genealogy into a trajectory towards a universalizing metanarrative, presenting concepts such as discipline and panoptic system as applicable cliché in every socio-cultural context. Post-structuralist researchers, seduced by deconstruction, moved away from local studies, because they despised empiricism, building their academic texts chained by foucautian devices, reproduced like extensive quotes of Foucault's words. The invitation for creation and non-identification of the researcher with silences of scientific knowledge of other pieces of knowledge was refused by some followers of post-structuralist philosophy transforming Foucault in a substitute paradigm of the marxian paradigm. In this study, we presented Foucault's multifaceted trajectory of giving way to complexity and plasticity of his discursive bold propositions.

Key words: Foucault. Crystallization. Modern academy.

Keila Queiroz e Silva

Doutora em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba. Professora da Universidade Federal de Campina Grande.

Email: keilaqs@hotmail.com.

1 INTRODUÇÃO

A revolução intelectual provocada pelos pensadores pós-estruturalistas caracterizou-se, sobretudo, pela virada lingüística pós-década de 60. O mercado de idéias direcionado às ciências humanas e mais especificamente à história no contexto internacional nos anos 1960 e 70 procurou explorar os silêncios de Marx. Os historiadores franceses dos *Annales* e ingleses neomarxistas investiram do final dos anos 60 aos anos 80 em uma história social que avançava para os domínios do cultural, conforme pontuou a historiadora Sandra Pesavento em sua obra *"História e história cultural"*.

Os "novos" historiadores provocaram basicamente as seguintes questões: *Como as elaborações mentais, produtos da cultural, se articulavam com o mundo social, com a vida cotidiana? Como era possível descobrir os sentidos e os significados que os homens atribuíam a si próprios e às coisas?* (PESAVENTO, 2003, p. 32).

As operações historiográficas e sociológicas assumiram um olhar horizontal e múltiplo em direção ao social, suspeitando progressivamente dos discursos universalizantes e homogêneos da história e da sociologia modernas. O anseio por conceitos críveis e fixos como referência de análise dos pesquisadores contagiados pela ciência instrumental moderna foi questionado severamente pelos neomarxistas e pelos pós-estruturalistas.

A moda acadêmica foi desconfigurada e reconfigurada internacionalmente, nacionalmente e localmente no nosso cotidiano universitário como discentes, docentes e pesquisadores. Na condição de sociedade de consumo, nós pesquisadores famintos por novidades, uma vez que somos bem modernos, sentimos-nos descentrados enquanto sujeitos militantes iluminados pelo paradigma marxista. As nossas subjetividades ruíram, as nossas crenças salvacionistas foram enterradas com a crise das metanarrativas incorporadas nos discursos das esquerdas nacionais e internacionais.

Neste cenário de morte dos velhos conceitos acadêmicos, a presença de Foucault com toda a sua irreverência - muito influenciada por Friedrich Nietzsche - sem dúvida alguma representou um marco transgressor na história da ciência no Ocidente, na reconfiguração das identidades docentes e discentes e das relações de poder no cotidiano acadêmico. As lutas simbólicas e os embates discursivos que davam sentido à vida universitária até a década de 70 perderam sua legitimidade. As práticas

discursivas e extradiscursivas dos professores da academia passaram a ser consideradas obsoletas e de repente, a novidade que incomodava passa a ser a moda que acomoda, enquadra e classifica os bons profissionais e os maus profissionais. O critério da novidade tão bem trabalhado por Lipovetsky (2008) em seus estudos sobre a moda passa a demarcar a fronteira entre os incluídos e os excluídos, entre os estabelecidos e os outsiders na comunidade acadêmica.

É aí que se inicia a história do aprisionamento do pensamento de Michel Foucault. Este pensador que sempre se posicionou contra todo e qualquer paradigma, dogma ou intenção de verdade contagiada pela sensibilidade moderna foi consumido no mundo da espetacularização do saber - as universidades modernas - como a nova moda acadêmica, a verdade científica substitutiva dos velhos paradigmas, sobretudo, o marxista.

Michel Foucault, considerado um pensador hipercrítico das grades subjetivas impostas pela razão instrumental aos "sujeitos modernos", foi apropriado pelos pesquisadores intitulados de pós-modernos como armadura conceitual, como chave, como guia para as análises das sociedades contemporâneas. A aplicação mecânica dos conceitos foucaultianos nas dissertações e teses dos pesquisadores do gueto "pós-moderno" tem reduzido o complexo e escorregadio trabalho acadêmico deste pensador a uma teoria essencialista. A disciplinarização passou a ser uma grife conceitual substitutiva da grife alienação, consumida pelos pesquisadores do gueto marxista.

A atitude autoritária de encaixar as impressões empíricas em conceitos acadêmicos fechados e hierarquicamente superiores permanece, só que com nova roupagem, a versão foucaultiana. Isso nos remete a uma problematização da microfísica do poder não em outras instituições modernas fora da academia: como a prisão, o hospital, a família, a escola, mas a uma análise hipercrítica dos ranços modernos da própria instituição universidade.

O que é possível dizer na comunidade acadêmica do século XXI, mais especificamente falando nas nossas universidades paraibanas contemporâneas? Quem estabelece as regras discursivas? Que verdades têm sido produzidas no cotidiano acadêmico? Que lugar social é esse? Como foi possível historicamente a invenção de novos dispositivos de verdade nas universidades? Quais os embates discursivos que dão sentido a essa instituição moderna e aos atores sociais que a constituem? Quem

são os estabelecidos e os outsiders na academia “pós-moderna”, nas ciências humanas?

Norbert Elias foi um sociólogo bastante transgressor que procurou em suas obras apresentar a configuração do poder nas sociedades modernas, uma vez que a sua história de vida foi marcada pela situação de limbo entre a inclusão e a exclusão, antes de chegar à academia, como judeu, e na academia por ser um pensador que contrariava os dogmas da ciência moderna. Em sua instigante obra *“Os estabelecidos e os outsiders”* (ELIAS, 2000) ele fez uma leitura etnográfica de uma comunidade inglesa na década de 50. Nesta, o referido autor discute as propriedades gerais de toda relação de poder dentro de um olhar horizontal, uma vez que ele percebe que na mesma comunidade, onde todos pertencem a mesma classe social, há disputas pelo poder consubstanciadas em motivações subjetivas e não materiais.

Assim como Michel Foucault em sua obra *“Microfísica do poder”*, Norbert Elias direciona suas análises para uma microsociologia ao discutir a sociodinâmica da estigmatização na referida comunidade pesquisada. A percepção do social como uma rede interdependente e complementar, bem como a circularidade do poder também são pontuadas na obra de Elias (2000). Ele procurou em suas obras descrever as configurações das sociedades medievais e avançadas ou modernas. Foucault investiu na análise do jogo da elaboração dos discursos constitutivos daquilo que se chamaria real nas sociedades modernas. Ambos foram considerados empiristas pelos pesquisadores instrumentais e estruturalistas, uma vez que em suas obras o saber empírico tem maior visibilidade. Eles não viram na teoria uma ferramenta determinante para a produção do conhecimento científico.

2 OS ESTABELECIDOS E OS OUTSIDERS NA COMUNIDADE ACADÊMICA “PÓS-MODERNA”

Peter Burke em sua valiosíssima obra *“O que é história cultural?”* faz uma contextualização do novo clima intelectual provocado pela influência dos estudos culturais. Falar dos deslocamentos de sentido na academia “pós-moderna” provocados por Michel Foucault nos remete inevitavelmente ao debate sobre a história cultural e o seu sucesso internacional.

Conforme salienta Burke (2005) a história cultural

não é uma descoberta ou invenção nova. Na Alemanha já era praticada com essa nomenclatura há 200 anos. Para o autor, a história da história cultural pode ser dividida nas seguintes fases: a fase “clássica”; a fase da história social da arte”, que começou na década de 30; a descoberta da história da cultura popular na década de 60; e a “nova história cultural”. Na segunda fase dois sociólogos alemães se destacaram nas contribuições à história cultural desse período, Max Weber com a publicação da sua obra *“A ética protestante e o espírito do Capitalismo”* (1904), onde ele analisa as raízes culturais do Capitalismo, considerada por Burke (2005) um ensaio sobre a cultura do Capitalismo. Norbert Elias é o segundo sociólogo alemão que contribuiu para a história cultural, a sua obra *“O processo civilizador”* (1939) é sem dúvida uma história cultural, uma vez que aborda os costumes na Idade Média e na Idade Moderna com a chegada do processo civilizador na Europa Ocidental.

No que diz respeito à descoberta da história da cultura popular, Peter Burke (2004) ressalta a contribuição decisiva do historiador inglês Edward Thompson na década de 60 com a publicação da obra *“A formação da classe operária inglesa (1963)”*. Essa obra influenciou profundamente os historiadores mais jovens, uma vez que o recorte de análise deixa de ser economicista e passa a ser cultural. Nessa obra, a vida cultural dos pobres é apresentada dando visibilidade aos costumes, mentalidades e sensibilidades dos excluídos da história. Entra em cena, a história vista de baixo.

No cenário acadêmico, a ascensão dos estudos culturais provocou uma reação de desconfiança dos velhos historiadores marxistas, desembocando em um debate moderno extremamente maniqueísta, culturalismo X economicismo, história cultural X história social. Essa lógica binária incorporada pelos pesquisadores da academia tem sido reproduzida nas relações interpessoais, estabelecendo os lugares sociais dos docentes e discentes no cotidiano das universidades contemporâneas.

As relações de poder departamentais nas universidades periféricas (Nordeste), influenciadas pelos programas de pós-graduação dos grandes centros do Sudeste, reproduzem as disputas simbólicas construídas entre os pesquisadores da Unicamp, USP e determinam a superioridade de alguns docentes e a inferioridade e marginalização de outros.

A configuração das relações de poder nas nossas universidades públicas federais paraibanas é determinada pelas novidades acadêmicas do Sudeste,

que por sua vez são transplantadas da Europa, sobretudo da França e da Inglaterra. Os estabelecidos nesse contexto são aqueles que consumiram as novidades acadêmicas com voracidade e velocidade e assumiram uma atitude de ironia e desqualificação com relação às velhas teorias. São os anti-clássicos. A partir da nova era acadêmica, portar e ler obras como “O capital” ou outras consideradas obsoletas pelos novos gurus é motivo de riso, descredibilidade profissional e ostracismo. Ainda estão aí? Essa postura evolucionista, linear, anti-tradição, que cultua o novo e abomina o velho é marcadamente moderna e nos deixa na mesma condição de prisioneiros. Continuamos nas grades, porque acreditamos em uma nova verdade universalizante e impossibilitadora de diálogo com as diferenças, ainda insistimos em silenciar o outro.

Continuamos etnocêntricos, eurocêntricos e estamos mais consumistas do que nunca. Isso dentro da universidade, lugar que deveria se destacar por ser um celeiro de acolhida e expressão das diversidades. O binarismo campeia as nossas escolhas teórico-metodológicas e temáticas e as nossas relações interpessoais, impossibilitando a vivência da interculturalidade e plasticidade subjetiva propostas por Michel Foucault, Gilles Deleuze e Pierre-Félix Guattari.

Os novos movimentos sociais da década de 60 e a crise do socialismo no leste europeu provocaram a obsolescência dos conceitos materialistas marxianos e colocaram em cena as micropolíticas do cotidiano de mulheres, índios, negros, homossexuais, jovens estudantes, etc. As subjetividades e a diferença foram incorporadas nos discursos acadêmicos e nas pesquisas científicas facilitada, sobretudo, pelo grande encontro da história com a antropologia, a literatura e a lingüística.

A história passa a ser vista como uma invenção, os fatos históricos como construções discursivas intencionalmente datadas e localizadas. Seria a nova história cultural impressionista, tendo em vista a polissemia de seus discursos e o relativismo de sua interpretação?

As inovações mais significativas da história cultural, conforme comentou em sua obra já referendada Peter Burke aconteceram entre as décadas de 1970 e 1980. A influência de Geertz foi decisiva para um diálogo mais íntimo entre a história e a antropologia. A nova história cultural pode ser considerada um paradigma dentro da concepção de Thomas Kunn, ou seja, “como um modelo para a prática “normal” da qual decorre uma tradição de pesquisa” (BURKE, 2005, p. 68).

Burke apresenta em sua obra quatro teóricos que ele considera de fundamental importância para a compreensão da história da nova história cultural, sejam eles: Mikhail Bakhtin, Norbert Elias, Michel Foucault e Pierre Bordieu. “Bakhtin foi um teórico da linguagem e da literatura, enquanto os outros três foram teóricos sociais que trabalharam em uma época na qual as barreiras entre sociedade e cultura pareciam estar se dissolvendo (BURKE, p. 2005, p. 71). Bakhtin se destacou na Nova História Cultural pelo descobrimento de sua obra publicada em 1965 intitulada “Cultura popular na Idade Média e no Renascimento” os conceitos de “carnavalização”, “linguagem do mercado”, “destronar” e “realismo grotesco” foram recorrentes nos trabalhos de pesquisa dentro da perspectiva da nova história cultural. Norbert Elias foi um sociólogo apaixonado pela história e que deu muita atenção à “cultura” em suas produções científicas. A sua obra “O processo civilizador” exerceu forte influência na antropologia histórica vivenciada por Roger Chartier e Anton Blok.

Pierre Bourdieu, também pontuado na obra de Peter Burke como grande colaborador da chamada nova história cultural, marcou sua trajetória na passagem pelos historiadores culturais pela utilização dos seguintes conceitos: “campo”, a idéia de reprodução cultural, a noção de “distinção” e teoria da prática, especialmente o conceito de “habitus”.

“Reagindo contra o que ele considerava uma rigidez da idéia de regras culturais na obra de estruturalistas como Lévi-Strauss, Bourdieu examinou a prática cotidiana como improvisação, baseada na estrutura de esquemas inculcados pela cultura na mente e no corpo” (BURKE, 2005, p. 77).

Suas expressões “capital cultural” e “capital simbólico” também exerceram grande influência na construção das subjetividades dos “novos pesquisadores”, uma vez que foram metáforas incorporadas no cotidiano de antropólogos, sociólogos e alguns historiadores.

Michel Foucault, filósofo e historiador “foi um crítico severo das interpretações teleológicas da história em termos de progresso, evolução ou crescimento da liberdade e do individualismo apresentadas por Hegel e por outros filósofos do séc. XIX...” (BURKE, 2005, p. 74). A sua atenção dedicada às descontinuidades culturais, às rupturas, à invenção dos conceitos de loucura, sexualidade, somada à compreensão de que os sistemas de classificação da sociedade moderna por ele

denominados de “epistemes” ou “regimes de verdade” são expressões de uma determinada cultura e forças que lhe dão forma; constituem subsídios qualitativos para a realização de pesquisas baseadas na Nova História Cultural.

3 AS TRÊS FACES DO “NOVO HISTORIADOR CULTURAL”: MICHEL FOUCAULT

No Brasil, diversos leitores de Michel Foucault indignados com a leitura reducionista de suas obras publicaram artigos e livros desconstruindo o mito de novo referencial teórico universal que Foucault adquiriu no meio acadêmico, fortemente acorrentado pelos dogmas da ciência moderna. Roberto Machado, Inês Lacerda de Araújo e Alfredo Veiga Neto foram autores sensíveis à rebeldia foucaultiana que escolhemos para ampliar o nosso olhar em direção a esse caleidoscópio que representa o pensamento de Foucault. Todos eles enfatizam o caráter desconstrucionista e cortante das posições do referido pensador, ele não veio para propor, ele veio para desconfiar, suspeitar, provocar fissuras.

Na obra *“Microfísica do poder”* em seu diálogo com Gilles Deleuze, Foucault apresenta a sua concepção de ciência ao afirmar que a teoria não totaliza, é uma prática local e regional e cita Proust para salientar a sua despreensão de ser um novo modelo explicativo

“[...] tratem meus livros como se fossem óculos dirigidos para fora, se eles não lhe servem consigam outros, encontrem vocês mesmos seu instrumento, que é forçosamente um instrumento de combate” (PROUST apud FOUCAULT, 1979, p. 61).

A defesa de um modelo de pesquisador sem preconceitos, ousado, combativo, curioso e autônomo está presente em seus discursos, uma vez que a sua postura hipercrítica denuncia o nosso lugar de sujeição à subjetividade burguesa e à razão instrumental moderna. A sua trajetória arqueológica e genealógica provoca uma atitude de desconfiança nas nossas crenças evolucionistas e na nossa concepção de poder verticalizado. A sua análise arqueológica teve como propósito descrever a constituição das ciências humanas a partir de uma interrelação de saberes, do estabelecimento de uma rede conceitual que lhes cria o espaço de existência. Como foi possível historicamente a loucura ser pensada dessa forma, a sexualidade ser pensada dessa forma? Como foi possível historicamente a invenção dos conceitos

incorporados pelos corpos e mentes dos sujeitos modernos?

A sua trajetória genealógica extremamente transgressora da concepção de poder na modernidade, focalizou o olhar nas redes de poder horizontais, rompendo com a leitura marxista das relações de poder nas sociedades capitalistas. A visão binária do poder, sociedade x Estado é pulverizada, é complexificada e rompe com juízo de valores. Foucault (1979) observa a positividade do poder, a sua eficácia no processo de docilização dos corpos dos loucos nas instituições psiquiátricas, dos alunos nas instituições escolares enfim, os dispositivos de disciplinarização dos homens, mulheres, homossexuais, criminosos e todos os homens infames, de forma a assegurar a ordem, o funcionamento dessas instituições burguesas.

O sistema panóptico burguês dentro da perspectiva foucaultiana tem como maior objetivo tornar os homens dóceis politicamente. A disciplina é uma estratégia de dominação política do corpo. Para Foucault, a disciplina é uma técnica de distribuição dos indivíduos através da inserção dos corpos em um espaço individualizado, classificatório, combinatório.

Ela exerce um poder/produz um saber, torna o homem útil e dócil, através do olhar invisível.

Não pretendemos com essas considerações entorno do pensamento de Michel Foucault decifrá-lo, mas apresentar o seu caráter multifacetado e transgressor. Na condição de crítico ferrenho dos valores da Modernidade, da epistemologia francesa, ele desloca seu foco de análise do progresso e procura identificar pontualmente os jogos de linguagem das práticas discursivas determinantes em um momento histórico. Crítico do essencialismo, ele desnaturaliza todas as práticas discursivas e extradiscursivas da sociedade moderna ocidental.

Veiga Neto (2003) em sua obra *“Foucault e a Educação”* mostra quão difícil e perigosa é a tarefa de situar um autor. É sempre um exercício de classificação, do qual nós estamos tentando escapar em nossas produções científicas como pesquisadores críticos da razão instrumental moderna. Ele defende que nós não devemos falar em teoria foucaultiana, mas em teorias foucaultianas. Grandes equívocos foram cometidos pelos pesquisadores da academia quando tentaram transformar os conceitos foucaultianos em metanarrativas, negando o próprio caráter instável da linguagem salientado por Michel Foucault e Jean-

François Lyotard.

O segundo equívoco salientado por Veiga Neto (2003) diz respeito à crença de que os problemas da pesquisa estão soltos no mundo esperando alguma teoria para iluminá-los e resolvê-los. A teoria já é uma prática, representa essa mistura entre a linguagem e o mundo. Outro equívoco ressaltado na obra do referido autor já citado nesse ensaio é se valer da perspectiva foucaultiana porque está na moda. Veiga Neto (2003, p. 27) observa que *“no jogo das trocas simbólicas que se operam no mundo acadêmico, não se pode esquecer que ora uns autores são moeda forte enquanto outros são infames”*. O seu aconselhamento como pesquisador responsável e leitor de Michel Foucault é que devemos averiguar se as ferramentas da arqueologia, da genealogia e das tecnologias do eu - que Michel Foucault tomou emprestado de Friedrich Nietzsche - são de fato adequadas para a nossa pesquisa. Ele ainda vai mais fundo no seu aconselhamento quando diz que a incorporação do rótulo de foucaultiano tem sido muitas vezes uma exigência iniciática para a obtenção de algum registro ou licença acadêmica. O próprio Michel Foucault desautorizou os seus leitores a assumirem uma identidade de pesquisadores foucaultianos, quando ser fiel à sua filosofia, é sinônimo de ser-lhe infiel.

“A crítica foucaultiana é uma crítica da crítica, é cética e incômoda, ela mais até pergunta mais sobre si mesma do que explica. Ela torce e se contorce sobre ela mesma, revisando-se e desconstruindo-se permanentemente” (VEIGA NETO, 2003, p. 29).

Citando a música de Caetano Veloso “Sampa”, Alfredo Veiga Neto apresenta Michel Foucault como o avesso, do avesso, do avesso, do avesso. Roberto Machado, Inês Lacerda de Araújo e Alfredo Veiga Neto foram consensuais na exposição de Michel Foucault enquanto um pensador plástico, cortante, transgressor e complexo. Para facilitar um pouco a nossa leitura sobre a sua complexa trajetória, eles nos apresentaram, as suas três faces: Foucault da arqueologia, da genealogia e da ética. Deleuze (2006) resumiu esses três momentos foucaultianos em três perguntas: Que posso saber? Que posso fazer? E quem sou eu? A cada fase corresponde um problema principal colocado pelo filósofo e uma correlata metodologia, conforme observou Veiga Neto (2003). A terceira fase não apresenta um método novo, ela é consubstanciada no método arqueogenealógico.

Os especialistas no pensamento de Michel Foucault sistematizam as suas obras nesses três momentos, assim

apresentadas, somando os critérios cronológico e metodológico: a primeira fase, o ser-saber ou a trajetória arqueológica- corresponde as obras *“História da loucura”* (1961), *“Arqueologia do saber”* (1969), *“O nascimento da clínica”* e *“As palavras e as coisas”*; a segunda fase, o ser-poder ou a trajetória genealógica começa com *“A ordem do discurso”* (1971), incluindo o primeiro volume da História da Sexualidade *“A vontade de saber”* (1976) e *“Vigiar e punir”*; a terceira fase, o ser-consigo ou a fase ética inclui os volumes 02 e 03 da História da Sexualidade, sejam eles; *“O uso dos prazeres”* e *“O cuidado de si”*, ambos foram publicados bem próximos da morte de Michel Foucault em 1984.

A ânsia de sistematização de um pensador não-sistemático é algo bem contraditório, porém é uma estratégia de impedimento da leitura homogênea e simplista do pensamento de Foucault. Araújo (2001) também levantou em sua obra *“Foucault e a crítica do sujeito”* muitos equívocos na interpretação e utilização do pensamento foucaultiano na academia. As imagens de Michel Foucault por ela apontadas em seu trabalho são de um pensador que “matou” o homem; do filósofo dos micropoderes; por outro lado é de alguém que provoca curiosidade pela relação peculiar entre vida e obra; ou de um historiador infiel aos fatos por ser relativista, a velha esquerda o acusa de insuficientemente combativo e crítico ou como guru da contracultura com seu pensamento panfletário, para os filósofos ele não é filósofo e para os historiadores não é historiador. Inquietação, suspeição, impossibilidade de classificação, tudo isso este homem provocou.

Conforme observou muito bem em sua obra Araújo (2001), ser intelectual francês na década de 60 e 70 e não ser marxista era praticamente uma heresia. Foi neste cenário avesso a algo diferente dos princípios marxistas que Michel Foucault se posicionou e produziu novas provocações. Hoje, em pleno século XXI outros discursos acadêmicos estão emergindo, inclusive infiéis ao pensamento de Michel Foucault. Lipovetsky (2004), por exemplo, se anuncia como um sociólogo que questiona a leitura social contemporânea baseada no sistema panóptico apresentado por Michel Foucault em sua trajetória genealógica. Lipovetsky (2004) fala da hipermodernidade consubstanciada em uma leitura pós-panóptica, uma vez que neste momento histórico globalizante, a subjetividade capitalista impõe sentidos através da sedução, dos valores da sociedade de consumo e da hiperescolha. Os sujeitos dóceis estão sendo substituídos pelos sujeitos hipernarcísicos. Deleuze (2006) também fala da passagem da sociedade disciplinar

para a sociedade de controle. Esses debates podem ser bem relacionados à terceira face de Michel Foucault; o Foucault da cultura do cuidado de si em História da Sexualidade III.

Diante de tantas elucubrações entorno da complexa e escorregadia aventura intelectual foucaultiana, ficam registradas muito mais problematizações, dúvidas, provocações que respostas afirmadoras do ranço acadêmico moderno de busca da verdade. A explanação dos equívocos dos pesquisadores contemporâneos na interpretação e apropriação do pensamento de Michel Foucault é sem dúvida, um convite ao processo de deslocamento e fissura do aprisionamento de suas teorizações fluídas nas grades da academia moderna e um incentivo ao recorte da própria universidade como objeto de estudo bastante grotesco e instigante para os “novos” pesquisadores.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, I. L. de. *Foucault e a crítica do sujeito*. Curitiba: UFPR, 2001.
- BURKE, P. *O que é história cultural?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- DELEUZE, G. *Diferença e repetição*. Rio de Janeiro: Graal, 2006.
- ELIAS, N. *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. São Paulo: Edições Graal, 1979.
- LECHTE, J. *50 pensadores contemporâneos essenciais: do estruturalismo à pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2003.
- LIPOVETSKY, G. *O império do efêmero*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- _____. *Os tempos hipermodernos*. São Paulo: Barcarolla, 2004.
- PESAVENTO, S. J. *História & história cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- VEIGA NETO, A. *Foucault & a educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

Recebido em agosto de 2010.

Aprovado em agosto de 2010.
